



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA PRÓ-LICENCIATURA – LICENCIATURA EM TEATRO

O TEATRO EM UMA NOVA PERSPECTIVA TECNOLÓGICA

Carlos de Souza Maciel

Brasília / DF
2013

CARLOS DE SOUZA MACIEL

O TEATRO EM UMA NOVA PERSPECTIVA TECNOLÓGICA

Trabalho de conclusão de curso de
....., habilitação em: Licenciatura
em Teatro. do Departamento de Artes
Cênicas do Instituto de Artes da
Universidade de Brasília.
Orientador: Prof^a. M^a. Luciana Aires
Mesquita.....

Brasília / DF
2013

CARLOS DE SOUZA MACIEL

O TEATRO EM UMA NOVA PERSPECTIVA TECNOLÓGICA

Trabalho de conclusão de curso aprovado, apresentado à UnB – Universidade de Brasília, ao Instituto de Artes Cênicas, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Teatro, com nota final igual a _____, sob a orientação do Professor MA Luciana Aires Mesquita.

Brasília, _____de março de 2013

Professor

Professor

Professor

Brasília / DF
2013

Dedico à Dona Vera Lúcia e Seu Jovelino, meus queridos pais *in Memoriam*, que me aconselharam e foram os grandes responsáveis pelo cumprimento dessa etapa - à eles todo meu amor e gratidão. Minha esposa Sônia, pela paciência todos os dias, mesmo nos mais difíceis.

À Luciana Aires Mesquita , pela paciente e dedicada orientação.

Aos mestres Amanda Ayres, Guilherme, Larissa Ferreira, pelas maiores dúvidas.

À Silvia Paes Garcia que me ajudou no momento de maior dificuldade dessa produção. À todos meu muitíssimo obrigado!

AGRADECIMENTOS

À UnB por oferecer este curso e formação que nos permitiu aumentar nossos conhecimentos e aperfeiçoar o que já conhecíamos.

Aos professores do curso por seus importantes conhecimentos ministrados aos seus alunos e que nos possibilitaram a conclusão deste curso.

A Professora Amanda Ayres, que nos possibilitou a produção da peça em telepresença proporcionando uma experiência inusitada em nossa jornada acadêmica.

Aos colegas que dividiram comigo a experiência teatral em telepresença, os quais enriqueceram todos os nossos conhecimentos.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o uso das tecnologias no teatro. Para fazer essa análise, dialoga-se com os seguintes autores: Rodolfo Araújo, Margot Berthold, Laura Maria de Figueiredo, Leonardo Feltrin Foletto, Sábado Magaldi e Leonardo Roat e Thiago Silva de Jesus, Venturelli Rita e Fernanda. A pesquisa aponta as tecnologias que foram sendo incluídas ao teatro até chegar à época da informática, em que é possível a realização de teatro virtual. A discussão do tema passa pela relação que existe entre a arte, a comunicação e a tecnologia. A análise do uso das tecnologias no teatro se inicia com um resgate histórico do teatro, do rádio e do teleteatro que tiveram início com as tecnologias arcaicas de iluminação. As tecnologias foram se aprimorando e sendo utilizadas amplamente no teatro, até chegar às novas tecnologias da informação e informática. Assim, o teatro vai ganhando novas configurações em que o uso das tecnologias faz conviver no palco os atores, as imagens virtuais e a sonoplastia produzidas pelos meios tecnológicos e que tem a finalidade de interagir o espectador com a cena por meio de sua percepção sensorial.

Palavras-Chave: Arte; Comunicação; Tecnologia; Teatro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. EVOLUÇÃO DO TEATRO E AS NOVAS TECNOLOGIAS.....	10
1.1 História das tecnologias no teatro.....	14
2. CENÁRIOS VIRTUAIS.....	17
2.1 O teleteatro.....	17
2.2 O teatro e as tecnologias: ação em diálogo.....	19
2.3 O teatro na atualidade.....	19
3. RELATO DO PROCESSO NO CURSO “PROCESSO CRIATIVO E ATUAÇÃO EM TELEPRESENÇA”	22
.....	22
3.1 Estudo do Texto “O Banquete”	29
.....	30
3.1.1 Leitura Individual.....	
3.2 A apresentação.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	

INTRODUÇÃO

O teatro é uma das artes mais antigas que existe, sua origem remonta às sociedades primitivas quando o homem se reunia em grupos para contar as suas histórias por meio de representação. Conforme surgem novas descobertas, o teatro também se utiliza das tecnologias e de cada momento histórico para se aprimorar. Por isso, conforme a humanidade foi se desenvolvendo, o teatro foi se adaptando e utilizando as inovações e descobertas. Assim, a iluminação e o cenário foram ganhando novas dimensões e tendo um impacto diferente sobre o espectador.

A tecnologia que mais revolucionou o teatro foi a eletricidade, pois com ela as cenas ganharam jogos de luzes oferecendo significados diferentes: não somente a história, a encenação e a fala tocavam o espectador, mas também a maneira como as luzes realçavam as cenas no palco. Essa nova configuração do fazer teatro passou a aproximar o espectador da cena por meio de sua percepção sensorial da imagem e do som.

Como as artes estão interligadas e a questão da imagem passa pela fotografia e pelo cinema, assim como a questão do som passa pelo rádio e pelo cinema, tais elementos também fazem parte da discussão contextualizada do assunto, pois o que antes era próprio desses dois veículos da comunicação, hoje é amplamente utilizado na arte cênica.

Diante disso, o objetivo deste trabalho é analisar o uso das tecnologias no teatro. Para alcançar esse objetivo, utilizou-se do pensamento de Foletto (2011), que faz uma explanação do uso da informática no teatro, apontando várias experiências nesse sentido. Buscou-se também os conhecimentos de Rodolfo Araújo (2010), que faz uma reflexão do teatro a partir da experiência de *play on Earth*, que analisa o teatro digital como trânsito de espaços, tempos e narrativas, apontando a importância dos meios digitais como canais de comunicação e construção da subjetividade no campo da arte dramática.

Para entender a evolução do teatro, fez-se uma pesquisa em Margot Berthold (2006) que apresenta um panorama do teatro mundial. Para compreender a importância que a luz elétrica teve para o teatro, buscou-se informações no estudo

de Laura Maria da Luz Figueiredo (2007), que propõe um estudo sobre a luz como matéria cênica pulsante.

Com a finalidade de compreender a dinâmica do teatro (ator-texto-público), buscou-se os conhecimentos de Sábato Magaldi (1998), que realiza uma análise da iniciação ao teatro. Para analisar o contexto da pós-modernidade no teatro, buscou-se os conhecimentos de Leonardo Roat e Thiago Silva de Jesus (2012), que defendem uma explanação sobre os novos territórios explorados pelo teatro.

Ao iniciar o curso de Licenciatura em Teatro, uma pergunta ocupou parte de nossas reflexões, “É possível fazer teatro à distância?”. Além de todas as questões já mencionadas, a presente pesquisa constitui-se como uma forma de incentivo para que o público frequente e se interesse pelo teatro.

Diante de tal questão, objetiva-se, no decorrer deste trabalho, investigar e demonstrar como artistas contemporâneos utilizam o teatro midiático. Busca-se igualmente analisar algumas performances tecnológicas com o intuito de propor possíveis respostas em relação ao questionamento anterior, verificando se realmente é possível fazer teatro à distância e como se dá a inserção de novas tecnologias através de novos contextos.

“Aprendemos através da experiência, e ninguém ensina ninguém. (...) Se o ambiente permitir, pode-se aprender qualquer coisa, e se o indivíduo permitir, o ambiente lhe ensinará tudo o que ele tem para ensinar.” Viola Spolin (1979; 3).

1. EVOLUÇÃO DO TEATRO E AS NOVAS TECNOLOGIAS

De acordo com Foletto (2011), as origens do teatro não são precisas. Há algumas hipóteses que são mais aceitas: como o teatro ter nascido dos rituais religiosos primitivos ou dos contadores de história. Os rituais tornavam as histórias mais interessantes pelo fato de que os humanos sentiam prazer em contemplar as imagens e através delas instruir, induzir e falar sobre cada uma.

Existem várias teorias e apontamentos sobre esta origem, sendo que as hipóteses mais aceitas são as de que o teatro teria surgido a partir dos rituais religiosos primitivos, da evolução da contação de histórias dos povos antigos e de todas as danças, jogos, imitações e elementos ritualísticos que faziam parte destas práticas. (FOLETTTO, 2011, p. 20).

O certo é que o teatro nasceu da necessidade humana de imitar o outro por meio da representação, pois como afirma Foletto (2011, p. 20), “a transformação de alguém numa outra pessoa é uma das formas arquetípicas da expressão humana e, como tal, é uma necessidade comum a todas as pessoas deste planeta”.

Desde a Grécia Antiga, o filósofo Aristóteles, já reconhecia essa necessidade humana de representação e de imitação:

A tendência para a imitação é instintiva no homem, desde a infância. Neste ponto distinguem-se os humanos de todos os outros seres vivos: por sua aptidão muito desenvolvida para a imitação. [...] Os seres humanos sentem prazer em olhar para as imagens que reproduzem objetos. A contemplação delas os instrui, e os induz a discorrer sobre cada uma, ou a discernir nas imagens as pessoas deste ou daquele sujeito (FOLETTTO, 2011, p. 20-21).

Aristóteles, conforme a citação acima, explica que desde criança o homem faz imitações como algo que é inerente a ela. Ao fazer a imitação, sente-se prazer, pela possibilidade de identificar determinadas pessoas ou objetos nessa representação.

Assim, para Foletto (2011), os rituais foram e tornando-se mais complexos, até originar o teatro como é conhecido na atualidade. Para que houvesse a evolução dos rituais para o teatro, foi necessário que a representação do artista estivesse além das leis que governam a vida cotidiana e houvesse espectadores que entendessem a mensagem transmitida a eles. É nesse sentido que Berthold (2006, p. 13), afirma que o “encanto mágico do teatro se encontra na capacidade inexaurível de apresentar-se aos olhos do público sem revelar seu segredo pessoal”.

Dessa maneira, Foletto (2011) explica que a representação do artista vai além da realidade, pois as situações representadas não estão conectadas a qualquer norma que rege a vida; por isso, torna-se algo mágico, visto que o artista está além do cotidiano, não é ele no palco, mas o personagem que ele representa.

É nesse sentido que Magaldi (1998, p. 8) esclarece que o fenômeno teatral não se processa sem a conjunção da tríade ator-texto-público, pois “é preciso que um ator interprete um texto para um público, ou, se quiser alterar a ordem, em função da raiz etimológica, o teatro existe quando o público vê e ouve ator interpretar um texto”. O que se observa é que o artista tem liberdade e autonomia para interpretar o texto e, até mesmo, mudá-lo no decorrer da interpretação, não ficando preso a convenções e nem às leis que regem as relações humanas. O importante é que haja uma ligação entre o ator, o texto e o público e um significado que vai além da realidade.

Além desses elementos, Foletto (2011) cita que o tempo e o espaço também são fundamentais para o teatro. Isso decorre do fato de que a representação acontece em determinado tempo, em que há certas convenções sociais, as quais estão presentes na mente do público; também acontece em determinado espaço em que há uma cultura e regras de convivência.

Analisando esses elementos fundamentais ao teatro, Foletto (2011, p. 22) afirma que:

Tendo estes três (ou cinco) elementos, o teatro “acontece” quando surge uma convenção, espécie de acordo entre o público que está diante de um ator e o ator que está diante de um público. Ambos estabelecem uma ficção possível; “isto que se está passando não é

uma verdade, mas uma convenção, uma outra 'realidade' que está se formando aqui". Convenção que, uma vez estabelecida entre os atores e o seu público, revela-se não completa, mas parcial, aberta a mutações - pois se fosse total os atores jamais surpreenderiam os espectadores.

O que se percebe dessa colocação de Foletto (2011) é que o teatro não encena a realidade, mas apresenta uma nova realidade ou uma nova maneira de ver e compreender a realidade.

Esses elementos (ator, texto, público, espaço e tempo) foram essenciais para o teatro durante séculos. Na atualidade, Roat e Jesus (2011) afirmam que as novas mídias e as tecnologias digitais são imprescindíveis para o teatro por fazerem parte da realidade.

As novas tecnologias revolucionaram o teatro tendo como um dos suportes a projeção de luzes, reformulando imagens próprias do palco e as possibilidades do espaço representado em cena.

Foletto (2011, p. 10-11) ainda completa analisando que no início do século XXI, no Brasil, a realidade do teatro começou a sofrer mudanças com as primeiras experiências de teatro via internet, por meio de peças gravadas e disponibilizadas em sites; entre as primeiras experiências está a do grupo teatral "Teatro para Alguém", que fez várias peças curtas na internet (disponíveis no site <www.teatroparaalguem.com.br>), e pelo grupo Phila7, que foi criado no ano de 2005 (informações disponíveis no site: <http://www.gag.art.br/phila_7/>). A partir de então, teve início o teatro digital no Brasil.



Figura 1 – Dia da mentira (Grupo Teatro para alguém)

Fonte: Disponível em: <http://www.teatroparaalguem.com.br/peca/dia_da_mentira>.

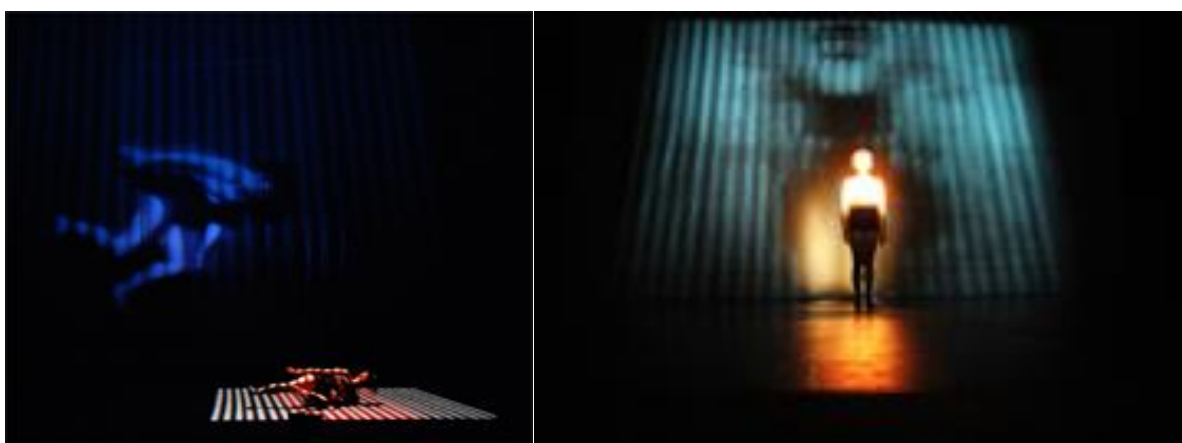


Figura 2: OP1 (Grupo Phila7)

Fonte: Disponível em: <http://www.gag.art.br/phila_7/>.

A peça “Dia da mentira” do grupo Teatro para alguém, e a peça “OP1” do grupo Phila7, utilizam da tecnologia digital para dar maior expressividade ao contexto das peças. Vários espetáculos dos dois grupos utilizam a tecnologia com a intenção de buscar novas linguagens para se aproximarem do público e da realidade atual. Tais experiências digitais apontam novos caminhos para as artes cênicas no Brasil.

A partir dessas experiências, as artes cênicas passaram por transformações

para se adaptar às novas tecnologias, especialmente, no que se refere à linguagem e às técnicas. Assim, segundo Araújo (2010, p. 149), mais do que utilizar as tecnologias da informática, o teatro as absorveu, conforme suas próprias palavras: “a arte teatral absorveu rapidamente as inovações tecnológicas como incremento de sua linguagem”.

1.1 História das tecnologias no teatro

Diversas tecnologias foram usadas no teatro desde o seu surgimento, mas através da luz elétrica abriu-se novas vertentes, proporcionando novas percepções e estética da cena. Isso decorreu do fato de que uma das maiores preocupações do teatro sempre foi com a luz. Foletto (2011, p. 25) explica que na Grécia Antiga “a iluminação era sempre realizada com luz natural – pois não havia nenhum aparato tecnológico que permitisse outra opção. Os espetáculos aconteciam em sua maioria durante o dia, do nascer ao cair do sol, raramente avançavam a noite”. Há, porém, relatos de rituais e festivais, como por exemplo o Mistério de Elêusis, que acontecia somente à noite utilizando-se o fogo para a iluminação.

Já na Idade Média, algumas peças passaram a ser representadas dentro de Igrejas ou Castelos. Segundo Figueiredo (2007, p. 22), no teatro da Idade Média e no teatro da Renascença eram utilizadas muitas velas, tochas e archotes nas apresentações noturnas e, para as apresentações vespertinas, os teatros tinham “clarabóias e amplas janelas para entrada de iluminação solar”.

Dessa maneira, pode-se dizer que a vela foi o primeiro elemento cênico utilizado para a iluminação do teatro. Depois desse elemento, a luz elétrica foi a inovação que deu um impulso ao teatro. Segundo Foletto (2011, p. 27), “com a luz elétrica a iluminar igualmente o palco, ele ganhava nuances que poderiam ser visualizadas pelos espectadores”. A partir de então, a luz elétrica passou a ser um elemento comum na maioria dos teatros do século XIX.

Entre as inovações que a luz elétrica trouxe para o teatro, Foletto (2011, p.

27) destaca:

Vieram as decorrências: a cenografia iniciou a fazer uso de móveis reais, não mais pictóricos, representativos do real, pois agora eles poderiam ser vistos com alguma precisão; os atores começaram a se utilizar de objetos com importância na ação, pois tudo que faziam poderia ser notado pelo público; a separação entre palco e plateia tornou-se mais visível, com a diferença do aparato de luz específico destinado à peça e do arrumado para a plateia. O palco, em suma, passou a se tornar uma realidade tridimensional e integrada à cenografia, aumentando consideravelmente as possibilidades de complexidade do teatro.

Como se observa, a iluminação por meio da luz elétrica trouxe várias transformações para o teatro. Tal fato permitiu que se utilizasse mobiliário no palco e houvesse maior movimentação dos atores, pois o público poderia ver melhor o palco como um todo.

Assim, a luz elétrica deu a possibilidade de serem representada no palco cenas cotidianas, mais próximas da realidade do público e com as quais ele poderia se identificar. Tal possibilidade deu um novo significado ao teatro, pois os espectadores poderiam reconhecer as situações retratadas.

Para Isaacsson (2011, p. 10), sem dúvida foi o advento da eletricidade que estreitou “a relação entre arte e ciência”, depois de séculos que já se fazia teatro; isto porque, houve grandes “transformações promovidas no âmbito da prática teatral graças ao emprego da luz elétrica”.

A introdução da luz elétrica no teatro, como explica Isaacsson (2011, p. 10), possibilitou que a cena se abrisse para “novas experimentações de ilusão ótica, à realização de jogos de luz e sombra, permitindo aos atores descobrir, inclusive, novos modelos de deslocamentos sobre o palco”. Essa utilização trouxe uma nova estética para a representação cênica.

Conforme Gusmão, Oliveira e Ventureli (2012, p. 77), e conforme dito anteriormente, a iluminação possibilitou a modificação do espaço, “contribuindo para sua tridimensionalidade”. Isso tornou possível fazer projeções de imagens na construção dos cenários, unindo o antigo ao novo.

Além disso, o uso da luz elétrica no teatro foi muito utilizada como novo recurso por Appia, segundo Berthold (2006, p. 470), “Appia atribuiu à luz uma tarefa que até então o teatro não fizera nenhum uso, ou seja, lançar sombras, criar espaço para produzir profundidade e distância”. Dessa maneira, as representações tornaram-se mais complexas, pois o cenário tornou-se parte fundamental para a compreensão da realidade representada. Com isso, a luz elétrica passou a fazer parte da linguagem cênica, contribuindo para o enriquecimento do palco cênico.

Por volta de meados do século XX, deu-se início ao questionamento da relação que havia entre atores e público; na construção da situação representada. Essa inovação cênica foi denominada de *happening*.

A partir de então, comenta Foletto (2011), buscou-se métodos que pudessem possibilitar uma maior participação da plateia e que desse ao espectador uma experiência mais subjetiva por meio do aumento de sua percepção. Para isso, passou-se a utilizar do improviso e da espontaneidade para uma maior interação com o público por meio da performance. Com isso, o artista tornou-se essencial no teatro, pois tornou-se a própria obra. Com isso, o teatro foi se libertando do seu caráter artificial ou ilusório, transformando a vida em arte e a arte em vida.

2. CENÁRIOS VIRTUAIS

2.1 O teleteatro

O teleteatro, na concepção de Veloso (2009), teve uma grande repercussão no Brasil no início da televisão. Essa forma de teatro foi uma tentativa de usar a mais nova tecnologia da época para ser incorporada ao teatro. Assim, ao invés de levar a televisão para o teatro, o teatro foi trazido para a televisão.

Para Cristina Brandão (2008), o teleteatro no Brasil foi uma consequência lógica diante do processo de evolução da programação televisiva, visto que a televisão trazia do rádio a inspiração para seus programas, assim como adaptou programas do rádio para a televisão.

No rádio, o radioteatro já fazia sucesso, desde a década de 1930. O radioteatro foi o embrião para o teleteatro, visto ter sido a primeira dramaturgia veiculada pelos meios eletrônicos. De acordo com Brandão (2008), como primeira experiência com dramaturgia eletrônica, o rádio utilizou uma maneira dialógica para narrar os episódios, tendo como base construtiva e estrutural os elementos básicos do teatro: texto e atores. Com a evolução, os textos teatrais eram lidos na íntegra e interpretados ao microfone; como auxiliar dessa representação, eram utilizados elementos de sonoplastia, como os ruídos, e técnicas de rádio dramatização, que já eram utilizados nas radionovelas. O rádio teatro era uma peça única transmitida em apenas um programa.

O rádio teatro foi importante porque deu início a uma nova maneira de fazer teatro; nesse tipo de teatro os espectadores não tinham acesso à imagem dos atores, mas poderiam, por meio dos sons e das falas, criar imagens mentais das situações encenadas. Como no teatro, as peças tinham de ser encenadas em cada apresentação, pois não era comum haver gravações para serem levadas ao ar posteriormente. Por isso, como no teatro, podia haver diferenças entre as apresentações, pois os atores podiam modificar uma fala ou uma sequência de falas, caso esquecessem o texto.

Com a chegada da televisão no Brasil, o rádio teatro foi adaptado para a televisão, trazendo como inovação, a imagem. No ano de 1956, a TV Tupi inaugurou o programa “Grande Teatro”. Nesse programa eram, encenadas adaptações de peças teatrais para a televisão; inaugurando, assim, um diálogo entre o teatro e a televisão. No teleteatro foram encenadas peças de Ibsen, Machado de Assis, José de Alencar, Dostoiowski e Lorca (GOMES, 2010).

No entanto, Brandão (2009), esclarece que há uma diferença entre o teatro e o teleteatro: no teleteatro todos os movimentos são dirigidos por uma câmara e o espectador a segue; já no teatro, o espectador é quem dirige os movimentos de sua “câmera interior”, à sua vontade, a fim de captar da cena, aquilo que for de seu interesse. No rádio, no entanto, era a própria imaginação do ouvinte, ou sua liberdade total de visualização, que formulava as imagens que as cenas ouvidas inspirava nele.

Isso decorre do fato de que no teatro a encenação é feita ao vivo, no contato direto entre os atores, a ação e o espectador. Tal interação gera uma expectativa, pois, por mais bem ensaiado que tenha sido, pode ocorrer imprevistos no palco. Já no teleteatro, mesmo sendo “ao vivo”, sempre há ferramentas que podem ser utilizadas, com as placas com as falas dos atores (BRANDÃO, 2009). Essas placas são instrumentos utilizados por trás das câmeras para mostrar aos atores suas falas, caso se esqueçam.

Assim, a arte de improvisar ocorre mais frequentemente e com mais produtividade no teatro do que na televisão; pois, na televisão as cenas improvisadas podem sofrer cortes e serem gravadas novamente; no teatro, devido ocorrer ao vivo, tais cortes não são possíveis.

Por isso, no teatro há diferenças entre as apresentações, visto que as adaptações feitas pelo improviso não ocorrem sempre na mesma cena, dando um caráter original a cada apresentação.

2.2 O teatro e as tecnologias: ação em diálogo

Com o desenvolvimento das ciências e das tecnologias, o teatro foi utilizando as descobertas e inovações que pudessem ser trazidas para o palco. De início, o teatro contava somente com a performance dos atores, as músicas cantadas ao vivo, o cenário com poucos recursos tecnológicos, as máscaras, o figurino único, iluminação fixa e com a possibilidade de ter um narrador para se inteirar com a plateia nas trocas de cenas.

Nessa época, o teatro era mais popular do que hoje, mais abrangente, mais efetivo, pois era o único entretenimento que havia desse tipo.

Por isso, conforme Isaacsson (2011, p. 10), é necessário reconhecer que os avanços científicos, em todas as épocas, sempre interferiram com a história do teatro, de uma maneira ou de outra. O teatro sempre utilizou os recursos técnicos de cada época para seu aperfeiçoamento, desde as máquinas rudimentares “movimentadas por polias e cordas empregadas nos tempos áureos do teatro grego clássico”, que eram tecnologias arcaicas, até as mais inovadoras invenções.

2.3 O teatro na atualidade

Na atualidade, as músicas são veiculadas por meios eletrônicos, a iluminação é de acordo com cada cena, o figurino é vasto, o cenário é montado para cada cena e a sonoplastia auxilia na apresentação. Isso decorre da interação entre a arte cênica e as tecnologias, por meio de relações que possibilitam a implementação de projetos de encenação cada vez mais sofisticados. Mesmo que a música, a iluminação, o figurino, cenário e sonoplastia já existissem há muito tempo no teatro, as tecnologias possibilitaram a sua recriação de maneira inovadora.

De acordo com Gusmão, Oliveira e Ventureli (2012, p. 76), mesmo que a imagem seja o elemento da encenação e da composição da atuação, “o teatro ainda não utilizou com a intensidade e a flexibilidade possível ao meio, toda a potência que as tecnologias podem lhe proporcionar”. Entre as possibilidades que ainda é pouco explorada está a imagem, pois no teatro podem conviver as cenas representadas pelos autores com imagens projetadas, dando um novo caráter ao cenário.

Assim, no que se refere ao som e imagem, as tecnologias oferecem grandes possibilidades de expressão para o teatro; por isso, está havendo uma grande mudança no contexto teatral, com a finalidade de refletir sobre suas relações com a realidade e com o mundo virtual, como também com a utilização das tecnologias em sua produção na projeção de imagens e utilização de música.

Na atualidade, a integração entre teatro e tecnologias, segundo Gusmão, Oliveira e Ventureli (2012, p. 76), é essencial para que haja a inter-relação entre a arte teatral e a realidade. Mesmo porque, o teatro sempre se organizou como uma arte multidisciplinar, reunindo literatura, artes visuais, música e dança e, mais recentemente, as tecnologias.

O uso das tecnologias na arte teatral torna mais clara a ilusão de uma realidade criada ou a construção de uma realidade mágica, possibilitada pela reprodutibilidade técnica. Assim, cada vez mais, segundo Isaacsson (2011, p. 18), o teatro tem absorvido as inovações digitais que tendem “a desenvolver cada vez mais a tecnologia de captação que amplia as capacidades humanas”. Isso é feito por meio do uso de telões para projeção de imagens, microfones e outros efeitos de som e imagem. Tudo isso é feito para potencializar a experiência sensorial do espectador.

Para Gama (2008, p. 1), “ao contrário de tentar destruir o teatro, o domínio de novas técnicas tornaria seus limites mais abrangentes, explorando seus territórios com novas fronteiras móveis”. Com isso, o que se faz é introduzir telas e projeções de imagens e de textos no palco. Essa articulação faz com que o teatro tenha uma nova configuração.

Para Isaacsson (2011, p. 18), “tornando opacas ou acentuando as diferenças entre imagens reais e virtuais sobre a cena, muitas das experiências

cênicas contemporâneas constroem um novo espaço, onde a presença e o efeito de presença se entrelaçam”.

No Brasil, o uso das tecnologias da imagem e do som no teatro começou a expandir a partir dos anos de 1990. Para Gusmão, Oliveira e Ventureli (2012, p. 80), essa experimentação “ainda é ilustrativa”; no entanto, ela tem possibilitado “o avanço das pesquisas e da educação do espectador no sentido de perceber a dramaturgia que se reorganiza, na convivência entre imagens ao vivo e projetadas”. Essa relação entre imagens ao vivo e projetadas torna o ritmo da ação teatral mais rápido, mais dinâmico e sem intervalo entre as cenas.

No que se refere à sonorização do espetáculo, Gusmão, Oliveira e Ventureli (2012, p. 80) esclarecem que a tecnologia do som foi responsável pela “composição de uma paisagem sonora”; isso faz com que haja a “possibilidade de captação dos sentidos dos espectadores”.

Assim, imagens e sons utilizados no teatro permitem que cenas projetadas e inúmeros sons componham a cena teatral juntamente com os atores, fazendo com que haja a interação entre o homem e a tecnologia, em um diálogo entre o real e o tecnológico que leva os espectadores a darem novos significados às representações.

O uso dessas tecnologias dá um certo relevo à encenação, fazendo sobrepor imagens com personagens e diversos sons com as falas, tornando o teatro Inter comunicacional, por interligar o universo do teatro com o universo das novas tecnologias para a construção de novas linguagens.

Essa interação, para Gusmão, Oliveira e Ventureli (2012, p. 81), permite que haja no teatro moderno “o estar presente em conjunto com outras presenças, o perceber o espaço e o tempo coletivos e ampliar a capacidade de experimentar”. Tudo isso “compõem a compreensão da obra, ou da proposta artística da qual se participa”.

Dessa maneira, o teatro moderno está cada vez mais utilizando novas tecnologias. Para isso, busca temas da realidade e inovações tecnológicas que possam aproximar a arte cênica do homem em cada momento histórico.

Com relação aos primeiros cenários usados na teleteatro, percebemos que há utilização de poucos elementos cênicos como cortinas e pinturas feitas para criar ilusão ótica.

Na televisão há diferentes composições no espaço em função do tipo de cenário que se produz para cada gravação, de acordo com as diferentes ações.

Na telepresença podemos ver partes em vídeo, destacando algumas imagens e, ao mesmo tempo, o público e atores presentes, destacando a cena, de acordo com o foco da câmera ou do olhar do público.

Por outro lado, o cenário virtual, é possível incluir objetos na cena e através desses objetos criar a ilusão de que o ator está interagindo com eles.

3. RELATO DO PROCESSO NO CURSO “PROCESSO CRIATIVO E ATUAÇÃO EM TELEPRESENÇA”.

3.1 Estudo do Texto “O Banquete”

O curso “Processo Criativo e Atuação em Telepresença”, idealizado pela orientadora: Amanda Ayres, contou com a parceria dos orientadores: Guilherme Carvalho e Larissa Ferreira.

O tema principal desse trabalho foi a obra de Platão, *O Banquete*. Desenvolvido por meio de um processo criativo em telepresença, alguns trechos da obra foram usados para montar partes para o desenvolvimento desse trabalho criativo.

Os objetivos foram desenvolver um processo criativo com a colaboração coletiva dos cursistas e realizar um espetáculo, utilizando-se de recursos tecnológicos aliados à realização ao vivo do espetáculo, buscando assim, a efetivação da apresentação em telepresença.

O curso de teatro oferecido pelo Pró Licenciatura ocorre no AVA Ambiente Virtual de Aprendizagem: Ferramenta virtual de EAD Educação à Distância. Sendo assim, grande parte do conhecimento adquirido pelos estudantes acontece à distância através da rede mundial de computadores (Internet). Em diversos momentos desenvolvemos trabalhos na plataforma com o intuito de experimentar a prática teatral e as ferramentas tecnológicas que nos foram apresentadas em todos os momentos de nossa formação profissional.

A metodologia do trabalho em telepresença utilizou-se de aulas presenciais, encontros virtuais, e atividades extras em que cada grupo participante teria que realizar, entre eles: leitura e aprofundamento do texto com criação de um hipertexto, pesquisa de imagens e elementos cênicos que seriam utilizados no trabalho, construção das cenas pelos grupos por meio da chuva de ideias (*brainstorming*),

postagem de material por meio de construção colaborativa no blog do grupo: <http://processocriativoetelepresenca.blogspot.com.br>, e desenvolvimento do trabalho escrito com o uso da ferramenta Wiki, além de acompanhamento no espaço virtual na plataforma do curso PROLICEN no AVA, para discussões entre alunos, orientações e troca de experiências.

O Pró Licenciatura Programa de Formação Inicial para Professores dos Ensinos Fundamental e Médio é um programa governamental que tem como objetivo principal a formação continuada de professores e melhoria da qualidade do ensino na Educação Básica. É realizado pelo Governo Federal por meio do Ministério da Educação (MEC), com a coordenação das Secretarias de Educação Básica (SEB) e de Educação à Distância (SEED) e com o apoio e participação das Secretarias de Educação Especial (SEESP) e Educação Superior (SESu).

O Pró Licenciatura foi criado com o objetivo de ofertar licenciatura aos professores do Distrito Federal, Goiás, Minas Gerais, Maranhão e Rondônia.

Na semana que antecedeu ao primeiro encontro para o desenvolvimento do trabalho Atuação em Telepresença, foram iniciadas as atividades do curso. As leituras de textos foram "Campo Conceitual da Telepresença" e "Bloco Conceitual 1: circuito fechado x circuito aberto".

A análise de materiais, fotos e vídeos, disponibilizados no ambiente, apresentou ao aluno cursista conceitos sobre a Telepresença e seus diversos formatos.

No primeiro encontro presencial as orientadoras Amanda Ayres e Larissa Ferreira se apresentaram à turma como as responsáveis diretas pelo curso e que iriam ministrar e coordenar o grupo. Falaram sobre todo o formato do curso, já introduzidos anteriormente durante a semana, pela plataforma do AVA (ambiente virtual do curso).

As orientadoras apresentaram o objetivo e falaram da importância de estudarmos a obra *O Banquete*, e a partir dele, construirmos conceitos e ideias. Entender o que o texto representa, que tema aborda, quais suas características principais, para, finalmente, montarmos um espetáculo a partir desse material e

apresentá-lo no *Cometa Cenas*, projeto realizado pelos alunos de Artes Cênicas da Universidade de Brasília - UnB, apresentado no mês de dezembro.

Por sermos estudantes desta universidade, a apresentação aconteceu no *Cometa Cenas*, evento onde os alunos de Artes Cênicas, Música e Artes Plásticas se reúnem para, publicamente, apresentar seus trabalhos, os resultados de disciplinas ou outras experiências artísticas que são desenvolvidas no decorrer dos seus cursos de Licenciatura em Teatro.

Foi uma experiência de fundamental importância para a turma, bem como uma forma de ocuparmos um espaço que também é nosso.

As orientadoras fizeram apontamentos importantes sobre o texto, aguçando a curiosidade de todos. Orientaram o grupo que estudassem o texto durante a semana, e que fossem ao ambiente virtual do curso e colocassem suas impressões, bem como fôssemos anotando nossas ideias, o que elas denominaram de “chuva de ideias”. Termo novo para turma, mas o qual, ambas souberam explicá-lo com objetividade e clareza.

Inicialmente, esta proposta me causou insegurança, pois construir dentro de um processo coletivo me parecia algo complicado e difícil de realizar. Foi um desafio para o grupo, e em particular para mim. Com motivação dos nossos orientadores, fomos pouco a pouco criando e realizando esse projeto.

O trabalho foi iniciado com montagem de grupos, com cinco componentes cada. Partimos para a leitura do texto individualmente e, no segundo momento, o debate com o grupo deveria resultar na montagem de uma cena com elementos chaves do texto, e escolher um momento da cena para ser congelado.

Eu, em especial, utilizei dos recursos aprendidos na matéria "Tecnologias Contemporâneas na Escola 02", fornecida ao curso PROLICEN.

Resumindo, as etapas do círculo de debates e reflexões para o processo criativo, foram as seguintes:

- Realizar a leitura do texto “O Banquete”;

- Fazer uma chuva de ideias (brainstorming) ;
- Selecionar as ideias mais interessantes e trocar com o seu grupo (dupla ou trio);
- Com base na discussão realizada os grupos fizeram propostas de pequenas cenas (de 1 a 5 minutos) – Lembrando que cada grupo deverá pensar na construção da imagem congelada: “Síntese da Cena”.

O diferencial nesse tipo de apresentação foi o fato de que o texto era construído continuamente; pois a cada leitura eram abstraídas novas perspectivas e significados do que o autor escreveu. O que mais chamou a minha atenção foi a criação da imagem congelada, pois nos fazia pensar sobre o que ela realmente representava para nós e para o público.



Primeiros ensaios

Nesse momento começamos a trazer para a prática diversos conceitos que tivemos acesso durante nossa formação em teatro. Não foi tão simples, mas foi necessária a colaboração de todos para que o processo fosse construído partindo de nossa aprendizagem teatral.



Ensaio com uso de projeção em telepresença

Nos ensaios foram utilizados recursos tecnológicos para que os atores fossem se acostumando com eles. Além do jogo de luzes, utilizou-se a projeção de imagens. A luz foi utilizada para produzir sombras em profundidade e criar uma impressão de distância.



Imagem com recursos 3D – Grande Mãe

Abertura da apresentação foi feita com inspiração na Grande Mãe que é uma imagem relacionada à mitologia que representa a fertilidade pela maioria das civilizações pagãs.

Foi projetada em tela uma cena em que uma atriz, que estava no ambiente externo, representava a cena de um parto em que trazia ao mundo diversos

aparatos tecnológicos como: relógio, computador entre outros objetos. Nessa montagem foram utilizados diversos objetos e atores presentes e telepresente.

As fotos abaixo mostram cenas aonde usou-se diversos recursos da tecnologia como projeção de imagem, e objetos saindo da tela virtual passando por três ambientes até chegar ao público presente. O cenário foi montado em uma grande estrutura metálica, usando de um lado iluminação e projeção, do outro reprodução das imagens em meio aos público presente e telepresente.



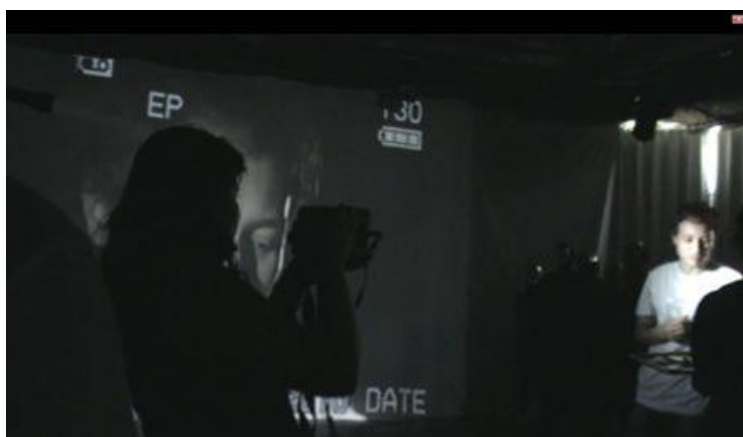
A silhueta do ator e atriz projetada na tela registrando sua sombra



A foto acima mostra o coro de pessoas com uso de máscaras e iluminação, com atores presentes e tele presentes.



Coro de atores e projeção de sua imagem



Participação do público presente e telepresente em projeção

Estas imagens, de sinal capturado, pode ser encodado de duas formas: pelo próprio Skype e do *Ustream*, programa grátis, que, assim como o primeiro, serve para transformar o sinal capturado (vídeo e som) em sinal para a internet.

O *Ustream* é um serviço que qualquer pessoa pode usar (www.ustream.tv). Essa captura encodada é passada para os espectadores (público); todas as pessoas que entram no site do TPA veem em a transmissão numa janela do *Ustream* que também tem uma ferramenta de *chat*, que é um espaço virtual para conversação ou bate-papo, e que permite comentários, que é mais um item de interação com a plateia.

3.1.1 Leitura Individual

A leitura do *O Banquete*, é uma leitura difícil, requer muita atenção. A necessidade de pesquisar sobre os conceitos filosóficos ali apresentados foi de fundamental importância para o bom entendimento do texto, uma vez que é escrito em uma linguagem rebuscada, cheio de termos e citações filosóficas, que foge do nosso cotidiano moderno e nos leva à Antiguidade, e nela temos que nos adequar e vivenciá-la a cada parágrafo.

A Leitura de *O Banquete* constituiu-se como uma atividade minuciosa e trabalhosa, porém com o avanço da mesma, começamos a entrar no universo dos discursos filosóficos da Antiga Grécia. Percebemos a preocupação do autor em desenvolver o senso crítico dos cidadãos imersos em uma sociedade patriarcal, onde os homens dominam os ambientes de discussões, deixando jovens, mulheres, estrangeiros e escravos fora daquele mundo racional.

O texto se desenvolve com a apresentação de vários discursos “vivos”. Onde, a cada momento, novas reflexões surgem e levam a novos discursos e às trocas de ideias. Nas palavras de Schueler (2008, p. 9), "o discurso vivo é o que produz e se reproduz. Reproduz-se criando outros discursos. Surge o discursar sem fim".

O Banquete não está representado pelas iguarias nele oferecido, mas sim pelas ideias nele apresentadas, a dialética nele produzida com contraposição às informações que levam a outras informações embutidas no texto e contexto.

A arte de falar mistura-se à arte de ouvir e se transforma na arte de pensar, fator sempre presente no texto. A essência dos discursos apresentados, repletos de lógica e sempre consistente se mantém até que venha uma nova colocação, que faz a anterior ser analisada, e assim a cada momento um discurso leva a outro, sendo infinita a possibilidade de criação de novos discursos.

3.2 A apresentação

A experiência foi instigante, provocadora e reflexiva. Percebemos na plateia a curiosidade e o receio do novo, do desconhecido. Ao serem convidados, os demais ficavam na expectativa sobre o que iria acontecer. A cada experimentação havia uma troca, entre os atores e público, público atuante na cena e o público receptor da cena. Foi uma troca incessante onde todos eram atores da cena e ao mesmo tempo espectadores.

“O espectador realiza a função de receptor, ele recebe e interpreta os signos emitidos pelo ator, testemunha a ação” (BURNIER, 2001, p. 17). Ou seja, o público também atualiza a ação e reage com outra ação (um riso ou palmas, por exemplo) fazendo com que o ator/atriz também tenha que reagir. Assim, o espetáculo é um jogo de ação e reação, o encontro do conteúdo compartilhado pelo artista cênico e o indivíduo ou o coletivo que compartilhado pelo artista cênico e o indivíduo ou o coletivo que recebe e reage a este conteúdo. (<http://www.medialab.ufg.br/art/wp-content/uploads/2012/09/amanda-all.pdf>).

As cenas foram realizadas com a intenção de surpreender e interagir com o público e esse objetivo foi alcançado, principalmente por ter na cena a atuação da plateia, espontânea e livre. Quando o público representava, via-se uma nova maneira de entender o texto.

Este formato proporcionou que a cena não parecesse estar pronta e acabada. A cada novo ensaio, tínhamos elementos novos e reações inesperadas. Sempre uma nova cena a cada ensaio, utilizando-se também de novos recursos tecnológicos, como imagens projetadas por meio da *web cam*, a fala da plateia, entre outros.

A cada final de aula/ensaio, realizávamos um círculo de avaliação do trabalho, que fazia com que cada grupo falasse das suas cenas, de seus objetivos, e que cada grupo colocasse suas impressões sobre o trabalho dos demais grupos,

fazendo com que realizássemos uma auto avaliação para cada grupo e outra geral. O campo de avaliação partia do trabalho individual e terminava no trabalho coletivo. Este processo é muito enriquecedor, tanto para quem produz como para quem assiste. Lembrando que todos os momentos foram gravados, pois assim podíamos contar com material de estudo e de acesso aos que, por algum motivo, não puderam estar presencialmente no ensaio.

A montagem das cenas não era rigidamente mantida, passamos por diversas adaptações necessárias para costurar com as demais cenas, dando-lhes sequência e sentido. Outros pontos foram solicitados, tais como aprofundar a pesquisa de imagens, sons, recursos tecnológicos e textos, e como estas se relacionem com o tema escolhido pelo grupo.

Vimos que o texto *O Banquete*, está repleto de pensamentos filosóficos pelos quais a relação entre o bem e o mal é muito evidente. O grupo fez pesquisas em sites de filosofia que tratam das diferenças entre os opostos, e da relação das cores primárias. Nestas são muito bem retratadas esse conflito, onde as cores quentes estão representando a negação das cores frias. Trabalhamos estas polaridades das cores na nossa apresentação por meio do figurino.

Tivemos apresentações sobre o amor, onde o duelo travado entre bem e o mal foi o foco da apresentação. Apresentações sobre a relação entre: nascer, crescer e morrer, o oposto entre vida e morte, sobre o fogo e a escuridão, a velhice e juventude, foram alguns dos recortes trabalhados no *O Banquete*. Deixando evidente que as bases de todas as cenas estavam diretamente ligadas à dualidade dos discursos, a dicotomia tão presente no texto.

Além de utilizarmos o vídeo e desenvolver técnicas de iluminação com uso de sombras, também foi feita projeção com data show, uso de imagens, animação, manipulação e sonoplastia, que fizeram com que a produção ficasse mais interessante. O trabalho realizado e disponibilizado no ambiente do AVA, pelos orientadores Amanda Ayres e Guilherme Carvalho, serviu como exemplo de como podemos usar equipamentos que estão ao nosso alcance, tanto no ambiente doméstico como acadêmico e profissional para desenvolver a arte teatral tele presente. Esse conhecimento abriu um leque de possibilidades para poder criar uma

ferramenta ilusionista para ser trabalhada na produção dos vídeos, e principalmente levar isso para prática em sala de aula.

Destaca-se como facilitador do processo colaborativo, o trabalho de construção coletiva das performances apresentadas em tempo real no *Ustream* (plataforma de vídeo on-line), explicado anteriormente na página 25.

O processo criativo nesse trabalho foi também uma experiência inovadora, onde a construção coletiva de processo, desde a montagem das cenas até a introdução da Telepresença no espetáculo, que contou com a participação de todos os envolvidos, fez com que não tivesse um detalhe que não fosse visto por todos. Isso levou à divergências de opiniões, que fizeram com que o nosso trabalho fosse enriquecido. Conhecer nossas limitações, reconhecer no outro novas possibilidades, e principalmente saber ceder, reconhecendo nossas falhas. Entendo que todo processo de aprendizagem se faz necessário mudar a forma de ver as coisas, enxergar pelos olhos dos outros, fatos e detalhes até então nunca imaginados e nem percebidos por nós mesmos.

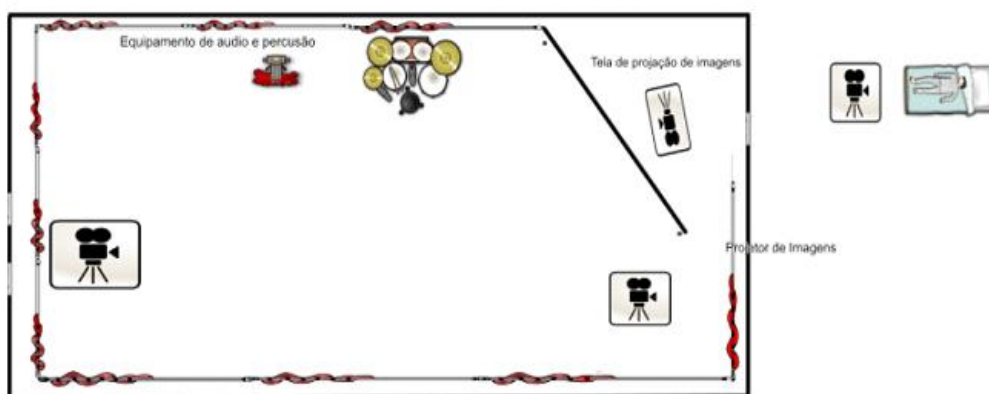
As novas tecnologias estarão cada vez mais presentes no nosso cotidiano. Aprender a lidar com elas se faz necessário, para que possamos interagir nessa nova realidade virtual.

Com o avanço das tecnologias, o ciberespaço (espaço virtual para comunicação) passou a trazer o teatro para seu espaço virtual, dando uma nova característica às artes cênicas: a de poder ser manipulada por meio das ferramentas tecnológicas; isso significa que o teatro está passando por um momento de transformação, em que não somente a presença do ator é fundamental, mas também os recursos utilizados como meio de interação e novas possibilidades de dramatização, mais de acordo com a tecnologia atual.

O interessante do trabalho foi a possibilidade de contracenar no decorrer de seu desenvolvimento, ficamos com o trabalho técnico pelo fato de dominarmos várias ferramentas de informática, além de manipular os softwares. Esse trabalho foi muito significativo, por aliar teoria e prática oportunizando uma visão mais ampla dos mecanismos que envolvem a produção teatral.

As análises e reflexões apresentadas no desenvolvimento de toda a pesquisa constituem apenas como uma das leituras e propostas possíveis para o âmbito dos estudos das Artes Cênicas. Certamente muitos apontamentos aqui realizados resultarão em estudos posteriores. Durante o processo, vimos que faltava alguém para fazer o manuseio dos equipamentos tecnológicos como: web cam, microfones, caixas de som, estrutura móvel, câmeras internet a cabo, programas capazes de fazer a transmissão simultânea, páginas na internet, dentre outras necessidades.

Diante dessa experiência, acredito que a tecnologia seja de muita importância para o teatro, sendo usada como um meio para enriquecer o contexto teatral de uma forma que ainda não tinha vislumbrado aumentando cada vez mais o vínculo entre a magia ilusionista e as possibilidades do avanço tecnológico ocorrido em nosso tempo. Tudo isso, faz com que o teatro se torne uma arte aberta às possibilidades tecnológicas de cada tempo e com grande aproximação entre o espectador e a própria encenação.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

No século XX, com a descoberta de várias tecnologias, o teatro ganhou um novo espaço no rádio e na televisão. O radio teatro, a partir de 1930, e o teleteatro a partir de 1950. Ambos passaram a fazer parte da cultura teatral.

As inovações tecnológicas que tiveram mais produtividade no teatro foram a sonoplastia e as diferentes maneiras de usar a imagem por meio da iluminação, advento da energia elétrica. A imagem, em especial, ganhou um espaço significativo no teatro, dando a possibilidade de atuar junto ao ator e à imagem projetada.

Tudo isso, faz com que o teatro se torne uma arte aberta às possibilidades tecnológicas de cada tempo e com grande aproximação entre o espectador e a própria encenação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Rodolfo. *Panorama da teatralidade remediada: uma reflexão a partir de play on earth*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC, 2010. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=10761>. Acesso em 10/03/2013.

BARBOSA, Larissa Ferreira Regis. *AMC: Afecção Mediada por Computador em coletivos performáticos Desterritorializados*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Arte, UnB. Brasília, Março, 2011.

BERTHOLD, Margot. *História Mundial do Teatro*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BRANDÃO, Cristina. *Herdeiros do teleteatro – novos rumos na teledramaturgia*. VII Encontro Nacional de História da Mídia. Fortaleza, 19 a 21 de agosto de 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/7o-encontro-2009-1/Herdeiros%20do%20teleteatro%202013%20novos%20rumos%20na%20teledramaturgia.pdf>>. Acesso em 22/11/2012.

BRANDÃO, Cristina. *Teleplay ou teleteatro*. Publicado em 2008. Disponível em: <<http://www.oclick.com.br/colunas/brandao2.html>>. Acesso em 23/11/2012.

FIGUEIREDO, Laura Maria de. *Luz: a matéria cênica pulsante*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2007. Disponível em: <http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/C%EAnica/Pesquisa/iluminacao_cenica_teatralidade_fabula_jogo.pdf>. Acesso em 11/03/2013.

FOLETTTO, Leonardo Feltrin. *Efêmero revisitado: Conversas sobre teatro e cultura digital*. Santa Maria: Baixa Cultura, 2011.

GAMA, Ronaldo Nogueira da. *As novas tecnologias e o ator pós-dramático*. Publicado em 2008. Disponível em: <http://www.polemica.uerj.br/pol19/cimagem/p19_ronaldo.htm>. Acesso em 25/11/2012.

GOMES, André. *Quando a TV e o teatro andaram juntos*. Publicado em 2010. Disponível em: <<http://www.funarte.gov.br/brasilmemoriadasartes/acervo/labanca/quando-a-tv-e-o-teatro-andaram-juntos/>>. Acesso em 23/11/2012.

GUSMÃO, Rita de Cássia Santos Buarque de; OLIVEIRA, Fernanda Areias de; VENTURELI, Suzete. *Laboratório de arte e tecnologia*. Brasília: Artector, 2012.

ISAACSSON, Marta. *Cruzamentos históricos: teatro e tecnologias de imagem*. ArtCultura, Uberlândia, v. 13, n. 23, p. 7-22, jul.-dez. 2011. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF23/marta_isaacson.pdf>. Acesso em 23/11/2012.

MAGALDI, Sábato. *Iniciação ao Teatro*. São Paulo; Ática, 1998.

ROAT, Leonardo. JESUS, Thiago Silva de. *Romeu e Julieta no twitter: por uma reterritorialização das artes cênicas na pós-modernidade*. Gambiarra: Revista dos Mestrados do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes, nº 04, ano IV, 2012, p. 38-47. Disponível em: <http://www.uff.br/gambiarra/edicao_04/pdf/Gambiarra_4_pag_38_47.pdf>. Acesso em 11/03/2013.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro**. Trad. de Eduardo Amos e Ingrid Koudela. Ed.

VELOSO, Jorge das Graças. *História do Teatro I*. Brasília: Athalaia, 2009.